

É melhor ser alegre que ser triste? Sobre um olhar (carinhoso) para a tristeza e demais afetos

“O conceito de felicidade é de tal modo indeterminado que, embora todos desejem atingi-la, não podem, contudo, afirmar de modo definitivo e consistente o que é que realmente desejam e pretendem” (Kant citado por Bauman, 2009, p.40).

A animação *Divertidamente (Inside Out)* conta a história de Riley, uma menina de 11 anos que ao mudar-se de cidade experimenta novas situações e passa a viver um conflito. Riley tivera uma infância feliz e, a partir disso, percebe-se no filme que o cérebro desta era “comandado” pela Alegria. Diante do novo, do desconhecido, Riley vê-se com dificuldades de adaptar-se a nova cidade, a nova escola e a falta que os amigos fazem na sua vida e, assim, com uma confusão na “sala de controles” a vida de Riley toma novos rumos: o Medo, a Raiva, o Nojinho passam a ter que ajudar Riley a lidar com as diferentes situações que seu dia a dia impõe. Enquanto isso, a Alegria e a Tristeza saem em busca de recuperar, ou reconstruir, aquilo que fora abalado - suas memórias, as lembranças que a levaram a ser a garota que é.

O filme busca também retratar a forma pela qual adquirimos nossas memórias e de que modo elas constituem o nosso eu, as marcas que perpetuam em nossa vida e aquelas que se desfazem. Este aspecto do filme pode ser comparado a ideia central do texto freudiano *Projeto para uma psicologia científica* (1895), no qual Freud propõe-se a descrever e caracterizar de modo acessível à comunidade médica, em especial aos neurologistas, de que forma opera o psiquismo humano: de que forma quantidades transformam-se em qualidades. Assim, percebe-se a atualidade e atemporalidade da prática psicanalítica.

Em relação ao filme, percebe-se, inicialmente, a tendência por parte da Alegria de excluir toda e qualquer memória que possa deixar Riley não-feliz. De acordo com Freud em *Mal estar na civilização* (1927) “estamos organizados de tal modo que somente podemos gozar com intensidade e contraste e muito pouco de um estado. A nossa constituição, então, limita nossas possibilidades de felicidade” (p. 76). Com o passar do filme, esse ideal de felicidade plena é substituído pelo princípio de realidade e passamos a perceber a importância da tristeza em nossa vida, não mais tratada como algo em desvalor, mas reconhecida como uma emoção fundamental para nossa constituição.

De modo análogo à animação, a vida real e a passagem à pré-adolescência nos convocam a este lugar de questionamento, da busca por quem se foi e pela construção de quem se é. Além disso, o filme nos atenta para o papel que a felicidade representa em nossas vidas, púberes ou não, uma vez que tendemos a idealizar o estado de felicidade e a colocá-lo como meta em nossas vidas, enquanto outras emoções são de igual importância e vem também a moldar nossa personalidade e as experiências pelas quais passamos. Há uma cobrança social por atingir a felicidade. Segundo o sociólogo Zigmund Bauman (2009), a busca

da felicidade na contemporaneidade aparece como motor principal de nossos pensamentos e ações, constituindo-se, desta forma, um importante fator de revolução cultural, social e econômica. Um exemplo disso é tendermos a consumir mais na busca pela obtenção (efêmera) da felicidade.

Ao assistirmos o filme, fica claro o papel da tristeza, nojo e medo em nossas vidas, o que nos ensinam, o que nos sinalizam, do que nos protegem. É evidente o papel de cada uma das emoções em nossas vidas e a importância do reconhecimento da subjetividade: ao passo que alguns se adaptam facilmente a mudanças, tais como as que acontecem com Riley, outros precisam se a ver com mudanças internas primeiramente. Assim, o filme evidencia a importância de olharmos para nossas emoções, para não julgarmos, não as taxarmos como “certas ou erradas”, como “louváveis ou condenáveis” e tentarmos entender aquilo que nos mobiliza. Não à toa nos sentimos tristes, felizes, com medo e com raiva. Diante disso, a animação torna-se para crianças e adultos: há que se visitar os lugares mais internos em nós mesmos, as lembranças, coloridas ou doloridas que nos constituem, a fim de que possamos caminhar em frente levando conosco emoções mais bem representadas e nomeadas.

É, sem dúvida, melhor ser alegre que ser triste. Melhor que isso? Olhar pra nossa tristeza, elaborá-la, aprender com ela e seguir com mais possibilidades de felicidade. Sempre levando-a conosco.

BAUMAN, Zigmund. (2009). **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

FREUD, Sigmund (2004). El malestar en la cultura. In: *Obras completas: el porvenir de una ilusión; el malestar en la cultura y otras obras (1927-1931)*. 2 ed. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, p. 76.

_____. (1895[1950]). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. I, p. 335-454.